

ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO,
INTELIGÊNCIA E CRIATIVIDADE:
Uma visão multidisciplinar

ANGELA M.R. VIRGOLIM
ELISABETE CASTELON KONKIEWITZ
(orgs.)

ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO,
INTELIGÊNCIA E CRIATIVIDADE:
Uma visão multidisciplinar



P A P I R U S E D I T O R A

Capa | DPG Editora
Coordenação | Ana Carolina Freitas
Copidesque | Mônica Saddy Martins
Diagramação | DPG Editora
Revisão | Cristiane Rufeisen Scanavini, Edimara Lisboa e
Isabel Petronilha Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade: Uma visão multidisciplinar/Angela M. Rodrigues Virgolim; Elisabete Castelon Konkiewitz (orgs.). – Campinas, SP: Papyrus, 2014.

Bibliografia.
ISBN 978-85-449-0005-5

1. Inteligência 2. Interdisciplinaridade na educação 3. Pedagogia
4. Psicologia educacional I. Virgolim, Angela M. Rodrigues.
II. Konkiewitz, Elisabete Castelon.

14-10086

CDD-370.152

Índice para catálogo sistemático:

1. Múltiplas inteligências: Psicologia educacional 370.152

1ª Edição – 2014

Exceto no caso de citações, a grafia deste livro está atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa adotado no Brasil a partir de 2009.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra de acordo com a lei 9.610/98. Editora afiliada à Associação Brasileira dos Direitos Reprográficos (ABDR).

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:
© M.R. Cornacchia Livraria e Editora Ltda. – Papyrus Editora
R. Dr. Gabriel Penteado, 253 – CEP 13041-305 – Vila João Jorge
Fone/fax: (19) 3272-4500 – Campinas – São Paulo – Brasil
E-mail: editora@papyrus.com.br – www.papyrus.com.br



Sumário

INTRODUÇÃO	7
PARTE 1 – VISÃO GERAL DA INTELIGÊNCIA	
1. A INTELIGÊNCIA EM SEUS ASPECTOS COGNITIVOS E NÃO COGNITIVOS NA PESSOA COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: UMA VISÃO HISTÓRICA.....	23
<i>Angela M.R. Virgolim</i>	
2. NEUROBIOLOGIA DA INTELIGÊNCIA, UM DESAFIO ÀS NEUROCIÊNCIAS	65
<i>Elisabete Castelon Konkiewitz</i>	
3. AVALIAÇÃO PSICOMÉTRICA DAS HABILIDADES COGNITIVAS: RELAÇÃO ENTRE INTELIGÊNCIA E CRIATIVIDADE	99
<i>Tatiana de Cássia Nakano</i>	
4. ARTE E MÚSICA COMO ESSÊNCIAS DA INTELIGÊNCIA HUMANA.....	119
<i>Paulo Estêvão Andrade e Olga Valéria Campana dos Anjos Andrade</i>	
5. NEUROEDUCAÇÃO E INTELIGÊNCIA: COMO AS ARTES E A ATIVIDADE FÍSICA PODEM CONTRIBUIR PARA A MELHORA COGNITIVA	139
<i>Alfred Sholl-Franco, Tatiana Maia Barreto e Talita S. de Assis</i>	
6. O ESTUDO DAS FUNÇÕES NEUROPSICOLÓGICAS ENVOLVIDAS NA AQUISIÇÃO DA LEITURA	161
<i>Wânia Cristina de Souza e Kátia Estevão Rodrigues da Silva</i>	
7. A EDUCAÇÃO BILÍNGUE E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA	183
<i>Simone Aparecida Capellini e Giseli Donadon Germano</i>	
8. O PAPEL DA NUTRIÇÃO NA COGNIÇÃO INFANTIL.....	199
<i>Thalise Yuri Hattori, Andréa Pereira Vicentini e Maria Cristina Corrêa de Souza</i>	

PARTE 2 – A SUPERDOTAÇÃO

9. A CONCEPÇÃO DE SUPERDOTAÇÃO NO MODELO DOS TRÊS ANÉIS:
UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO PARA A PROMOÇÃO DA
PRODUTIVIDADE CRIATIVA..... 219
Joseph S. Renzulli
10. ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NO TRANSCURSO
DA VIDA: DA INFÂNCIA À ADULTEZ..... 265
Juan José Mouriño Mosquera, Claus Dieter Stobäus e Soraia Napoleão Freitas
11. AS CARACTERÍSTICAS SOCIOEMOCIONAIS DO INDIVÍDUO TALENTOSO
E A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS..... 283
Jane Farias Chagas-Ferreira
12. O.K., A PRÁTICA TRAZ A PERFEIÇÃO, MAS O QUE SUSTENTA A PRÁTICA?
ASPECTOS MOTIVACIONAIS E EMOCIONAIS DA APRENDIZAGEM *EXPERT*
DE UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA 309
Afonso Galvão e Anna Carolina M.L. Ribeiro
13. DESAFIOS NA IDENTIFICAÇÃO DE ALUNOS INTELECTUALMENTE
DOTADOS..... 335
Eliana Santos de Farias e Solange Muglia Wechsler
14. PENSAMENTO E CRIAÇÃO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA:
APORTES TEÓRICOS E SUGESTÕES PRÁTICAS 351
Christina Cupertino, Denise Arantes e Mariangela Fabiane Melcher

PARTE 3 – APLICAÇÕES EDUCACIONAIS

15. SUPERDOTAÇÃO E CURRÍCULO ESCOLAR: POTENCIAIS SUPERIORES
E SEUS DESAFIOS DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA 373
Vera Lucia Palmeira Pereira
16. SUPERDOTAÇÃO E CURRÍCULO..... 389
Maria Clara Sodré S. Gama
17. PLANO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO INTEGRADO
AO PLANO INDIVIDUAL DE ENSINO COM VISTAS À ACELERAÇÃO DE
ESTUDOS: SUGESTÃO ADAPTADA DO MODELO DE JOSEPH RENZULLI 411
Cristina Maria Carvalho Delou
18. O FAZER MATEMÁTICA NA ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO
DA INTELIGÊNCIA: A CRIATIVIDADE REVELANDO
CAPACIDADES COGNITIVAS..... 427
Cristiano Muniz
19. ACELERAÇÃO: MAIS RÁPIDO NÃO É SINÔNIMO DE MELHOR 455
Susana G.P.B. Pérez
- SOBRE OS AUTORES..... 477



Introdução

Por muitos anos, o estudo e a pesquisa na área da superdotação, da inteligência e do talento em potencial estiveram reservados a poucos estudiosos da psicologia, da filosofia e da educação. Noções equivocadas e estereotipadas sobre a inteligência e as altas habilidades fizeram com que esse campo permanecesse, por muito tempo, pouco desenvolvido e longe do conhecimento da população em geral. Ainda hoje, principalmente no nosso país, é tema que envolve mistério, preconceito, desconhecimento e mitos que impedem o desenvolvimento pleno dessa área do conhecimento.

O Brasil tem enfrentado inúmeros desafios na área educacional nas últimas décadas, atuando com efetividade, por exemplo, no oferecimento do acesso gratuito à educação para todas as crianças e jovens de todas as camadas sociais. No entanto, a educação brasileira tem sido menos efetiva com relação às necessidades educacionais especiais de seu alunado. Através da nossa história, observa-se que, para as crianças especiais que se encontram nos extremos – as com deficiências e as com altas habilidades –, o compromisso com a individualização da educação tem sido hesitante e incompleto.

O educador norte-americano James Gallagher (1994) faz uma interessante reflexão, que também se aplica ao nosso contexto. Segundo ele, o fracasso em possibilitar que crianças com deficiências desenvolvam o seu potencial é uma tragédia pessoal tanto para elas quanto para suas famílias. No entanto, o fracasso em ajudar crianças com altas habilidades a desenvolver o seu potencial é uma tragédia para a sociedade, embora seja difícil medir a extensão desse fracasso. Diz o autor (p. 4): “Como podemos medir a extensão de uma sonata que não foi escrita, de uma droga com poderes curativos que não foi descoberta ou da ausência de liderança política? As crianças superdotadas

são parte substancial das diferenças entre o que somos e o que poderíamos ser como sociedade”.*

A doutora Eunice Soriano de Alencar, uma das pioneiras no estudo da superdotação no Brasil, chama a atenção para a importância do desenvolvimento dos talentos e para a implementação de programas educacionais direcionados aos que têm altas habilidades. Além disso, ressalta que “uma boa educação para todos não significa uma educação idêntica para todos” e que “um sistema educacional voltado apenas para o estudante médio e abaixo da média pode significar o não reconhecimento e estímulo do talento e, conseqüentemente, o seu não-aproveitamento” (Alencar e Fleith 2001, p. 11).

Dessa forma, observa-se a importância de buscar a equidade na educação, não por meio do fornecimento de experiências de aprendizagem idênticas para todos os alunos, mas, sim, por meio de uma ampla gama de experiências cuidadosamente planejadas e diferenciadas, que levem em conta as habilidades, os interesses e os estilos de aprendizagem de cada estudante (Virgolim 1998).

Nesse sentido, a doutora Zenita Günther, especialista em educação de bem-dotados em nosso país, alerta para o desperdício e o desvio dos talentos humanos e reflete que o nosso papel, como educadores, é o de “encaminhar o desenvolvimento de pessoas e encontrar a melhor e mais apropriada forma de prover a cada um aquilo de que ele necessita para se tornar o melhor ser humano que pode vir a ser” (Günther 2000, p. 20). Reconhecer, estimular e aproveitar talentos humanos em desenvolvimento ou em potencial nas diversas áreas do saber humano se torna, afinal, uma grande responsabilidade, que recai sobre todos nós: família, escola e sociedade.

Em nosso país, vários são os problemas ainda enfrentados com essa população. Um grande mito que permeia nossa sociedade é o de que os superdotados são percebidos como aqueles que têm tudo, que não necessitam de mais recursos para se desenvolver, o que demonstra uma falta geral de maior conhecimento do tema. Além disso, essa área se caracteriza pela falta de: (a) treinamento especializado dos profissionais; (b) material adequado à

* As traduções das obras referenciadas no original foram feitas pelos autores. (N.E.)

necessidade do grupo; (c) currículos e programas adequados aos diferentes níveis em escolas públicas e particulares; (d) cursos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; (e) mais recursos governamentais para programas voltados para o desenvolvimento da superdotação em todo o país; (f) técnicas mais modernas de identificação; (g) maior número de pesquisas sobre essa população na realidade brasileira; e (h) mais literatura especializada em nosso idioma.

Vários pesquisadores brasileiros (por exemplo, Alencar e Fleith 2001; Aspesi 2003; Chagas 2003; Fleith e Virgolim 1999; Günther 2000; Maia-Pinto 2002; Novaes 1979; Ourofino 2005; Sabatella 2005; Virgolim 1997 e 2005) assinalam a necessidade de aumentar os serviços direcionados a essa população, no sentido de vir a conhecer melhor as características desse grupo em nosso país, e de atender, no contexto escolar e familiar, a suas necessidades afetivas e cognitivas especiais. Assinalam também a necessidade de fazer mais pesquisas na área e de influenciar o desenvolvimento de políticas públicas no contexto brasileiro que favoreçam o reconhecimento, o estímulo e o aproveitamento de nossos potenciais humanos.

Além disso, a grande revolução que se observa na ciência da mente, com o grande desenvolvimento da tecnologia moderna, tem tornado possível o estudo da neuropsicologia e da neuroquímica do cérebro, ultrapassando a simples observação do comportamento para entender os complexos processos de aprendizagem, raciocínio e resolução de problemas. Por exemplo, a noção bem estabelecida até o século passado de que o número de neurônios é fixo no nascimento foi substituída pela evidência de que os neurônios e as conexões neuronais estão em contínuo crescimento no cérebro (Kerr 2009). Também a visão unitária e fixa da inteligência deu lugar, paulatinamente, a outras concepções, pluralísticas e mais dinâmicas. A maioria dos teóricos da atualidade concorda que a inteligência é composta de muitos fatores e habilidades (por exemplo, Gardner 1983; Renzulli 1978; Sternberg 1986; Tannenbaum 2000). Aliando dados observacionais, métodos estatísticos complexos e neuroimagens cerebrais, o campo toma rumos inusitados. Diferentes definições, teorias e métodos educativos surgem para a questão da superdotação, sugerindo novas implicações para as políticas educacionais no país.

Os alunos com altas habilidades necessitam de serviços educacionais diferenciados, que possam promover seu desenvolvimento acadêmico, artístico, psicomotor e social, o que inclui métodos de ensino adaptados às suas necessidades especiais. No contexto brasileiro atual, torna-se necessário que o país abra as portas às evidências modernas de pesquisa sobre o indivíduo com altas habilidades e que considere seu potencial como promotor do desenvolvimento tecnológico, cultural e educacional da nação. Não podemos desperdiçar nossas inteligências. Há, por toda parte, um rico manancial de jovens esperando por melhores oportunidades e desafios às suas capacidades. O Brasil iniciou várias mudanças, no governo e na sociedade, voltadas para uma ampla abertura na política educacional na área de superdotação. Na academia, as pesquisas têm demonstrado a necessidade de dar mais atenção a um campo que ainda se mostra tabu em nossa cultura, no qual o desafio é vencer medos e preconceitos.

Este livro foi idealizado com todos estes parâmetros em mente, voltado principalmente para a seguinte reflexão: dados todos os mitos, o desconhecimento da população em geral e da acadêmica, em particular, e o avanço substancial promovido pela tecnologia na neuropsicologia, na psicologia e na pedagogia, o que sabemos sobre a inteligência, as altas habilidades e o desenvolvimento de talentos? Como se deu o desenvolvimento dessas áreas, quais mitos elas venceram e quais propostas e tendências podemos esperar nas próximas décadas?

A primeira parte deste livro compreende oito capítulos, que se propõem a explorar as relações mais gerais da inteligência com as altas habilidades e a superdotação.

O primeiro capítulo, “A inteligência em seus aspectos cognitivos e não cognitivos na pessoa com altas habilidades/superdotação: Uma visão histórica”, de Angela M.R. Virgolim, procura focalizar a inteligência em uma dimensão temporal, mostrando como esse conceito foi se modificando ao longo dos séculos. A visão unicista e fixa da inteligência, com seus primórdios nos pensadores da filosofia antiga, passando pelos criadores da psicologia científica e, finalmente, aos seus sucessores modernos é substituída por uma visão pluralista, múltipla e complexa desse construto. Assim, aquela visão tradicional, fortemente alicerçada em métodos psicométricos de medida,

dá lugar a um espectro maior de possibilidades, passando a abranger, para além dos aspectos cognitivos tradicionais (como o julgamento, o raciocínio, a memória e a resolução de problemas), também os aspectos de criatividade e personalidade, como motivação, persistência, otimismo, coragem e paixão, abrindo ainda campo para o entendimento da inteligência emocional.

Complementando essa visão sócio-histórica e psicológica do capítulo inicial, o segundo capítulo abre espaço para os aspectos biológicos da inteligência. Em “Neurobiologia da inteligência, um desafio às neurociências”, Elisabete Castelon Konkiewitz tenta integrar concepções da inteligência com evidências experimentais sobre o funcionamento cerebral. Se, por um lado, o cérebro é a base da cognição, por outro, sua atividade é explicada como resultado de interações dinâmicas entre as potencialidades genéticas e as experiências ambientais, de forma que não se pode falar em determinismo biológico ou genético. Esse jogo já se inicia durante a gestação, mesmo antes do nascimento, e continua por toda a vida. Por isso, a classe social, a escola, a família e a sociedade toda desempenharão um papel decisivo no desenvolvimento e na expressão das habilidades intelectuais humanas. Esse capítulo também tenta conciliar a visão generalista e a visão multifacetada da inteligência, discutindo o papel da criatividade e das emoções no desempenho intelectual.

O terceiro capítulo, “Avaliação psicométrica das habilidades cognitivas: Relação entre inteligência e criatividade”, de Tatiana de Cássia Nakano, parte do princípio de que o conhecimento total do potencial de um indivíduo só é atingido quando a inteligência é pareada com a criatividade, embora esse seja ainda um tema controverso em psicologia. A autora explora a literatura sobre a relação entre inteligência e criatividade, debatendo os principais achados de pesquisa na área e focaliza a relação entre esses construtos de três vertentes teóricas: a que afirma a relação intrínseca entre criatividade e inteligência; a que considera esses construtos distintos entre si; e a terceira, que aponta para uma relação não linear entre inteligência e criatividade, existente acima de um certo nível de inteligência. Tatiana Nakano revisa ainda algumas pesquisas brasileiras na área e reflete sobre a maneira como tais estudos podem auxiliar na compreensão da superdotação.

O quarto capítulo, “Arte e música como essências da inteligência humana”, de Paulo Estêvão Andrade e Olga Valéria Campana dos Anjos

Andrade, pretende fornecer, com base em evidências científicas e nas mais recentes abordagens sobre a natureza e a origem da inteligência humana, uma visão mais real e profunda do que representam as artes para a espécie humana. É enfatizado o papel fundamental das artes, particularmente da música, como componente biopsíquico do repertório de capacidades humanas com raízes profundamente biológicas (não obstante sua grande e rica diversidade nas manifestações culturais). Dessa perspectiva, as artes devem ser consideradas um conteúdo essencial na formação do indivíduo (como nas culturas tradicionais) e disciplinas escolares fundamentais.

“Neuroeducação e inteligência: Como as artes e a atividade física podem contribuir para a melhora cognitiva” é o quinto capítulo, escrito por Alfred Sholl-Franco, Tatiana Maia Barreto e Talita S. de Assis. Nesse capítulo, os autores mostram a neuroeducação como uma área emergente, a cada dia mais utilizada pelos profissionais de educação, a fim de melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, é necessário compreender quais processos neurofisiológicos estão envolvidos nas questões educacionais. Como o sistema nervoso desenvolve-se? Existe uma idade adequada para a aprendizagem? O que é inteligência? Como desenvolver novas propostas pedagógicas se o sistema educacional está pautado em um modelo defasado, que valoriza alguns tipos de inteligência em detrimento de outros? Nesse ponto, compreender a teoria das inteligências múltiplas faz-nos repensar as diferentes formas de inteligências e, com isso, explorar áreas que, em geral, são colocadas em segundo plano, tais como as artes e a educação física. Será que um sujeito com a habilidade musical de Beethoven pode ser considerado menos inteligente que um indivíduo com QI elevado? Como as artes e a atividade física contribuem, no contexto escolar, para o desenvolvimento de novas inteligências? Assim, a discussão geral que norteia o capítulo está centrada na articulação entre neuroeducação e inteligências, com base numa análise sobre a importância das manifestações artísticas e corporais para a aprendizagem.

No sexto capítulo, “O estudo das funções neuropsicológicas envolvidas na aquisição da leitura”, Wânia Cristina de Souza e Kátia Estevão Rodrigues da Silva abordam os aspectos fundamentais para a compreensão da habilitação para a leitura como processo neuropsicológico complexo, ampliando a visão do leitor sobre a construção de intervenções de estimulação, prevenção

e busca de diagnóstico do distúrbio de leitura. As autoras argumentam que a habilidade da leitura requer uma diversidade de fatores que não necessariamente expressa a potencialidade intelectual do indivíduo, mas que exige a construção de um processo que depende tanto dele quanto do meio que o cerca. As autoras abordam as variáveis extrínsecas e intrínsecas ao indivíduo (variáveis de ordem psicossocial e socioeconômica, condições biológicas, afetivas e neuropsicológicas), que interferem de forma direta ou indireta no processo de aquisição da leitura, viabilizando ou dificultando o sucesso do seu desenvolvimento.

O tema “A educação bilíngue e suas implicações na aprendizagem da leitura e da escrita” é abordado no sétimo capítulo, de Simone Aparecida Capellini e Giseli Donadon Germano. As autoras analisam as oportunidades e os riscos associados à educação bilíngue, tema cada vez mais relevante num mundo globalizado e composto por intercâmbios e relacionamentos entre as mais diversas culturas. São considerados dados de diversos estudos e avaliados os componentes cognitivos envolvidos no processo de aprendizado da segunda língua.

O oitavo capítulo, “O papel da nutrição na cognição infantil”, de Thalise Yuri Hattori, Andréa Pereira Vicentini e Maria Cristina Corrêa de Souza, discute o papel da nutrição, desde o período gestacional até a primeira infância, no desenvolvimento cognitivo infantil e seus reflexos no longo prazo, mostrando a relação de alimentos, nutrientes, dietas e outros aspectos da nutrição com a cognição, o comportamento, assim como disfunções e doenças. As autoras argumentam que nutrientes específicos influenciam a cognição ao agir sobre sistemas moleculares vitais para a manutenção da função cognitiva, o que leva a uma possibilidade de manipulações dietéticas para a melhoria das habilidades cognitivas e a proteção de danos ao cérebro, tanto para promover reparação quanto para neutralizar *deficits* cognitivos e seus efeitos no corpo.

A segunda parte deste livro compreende seis capítulos, que tratam da problemática específica da superdotação sob diferentes óticas.

O nono capítulo, “A concepção de superdotação no modelo dos três anéis: Um modelo de desenvolvimento para a promoção da produtividade criativa”, de Joseph S. Renzulli, traz a visão desse renomado pesquisador sobre questões atuais e altamente pertinentes para o campo da superdotação.

Desde que sua Teoria dos Três Anéis foi publicada, no final da década de 1970, inúmeras pesquisas foram desenvolvidas para dar apoio empírico às suas reflexões teóricas. No Brasil, o Modelo de Enriquecimento Escolar (The Schoolwide Model – SEM) foi oficialmente adotado em 2007 pelo MEC como referência teórica de base para os recém-criados Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (Naah/S), como resultado da implantação de uma política pública de educação especial. Nesse capítulo, Renzulli debate com profundidade a definição de superdotação, sua relação com a inteligência, a diferenciação entre a superdotação acadêmica e a criativo-produtiva, culminando com relatos de pesquisas que embasam a concepção dos Três Anéis. Além disso, o autor ainda contribui com uma ampla discussão sobre os aspectos não cognitivos da superdotação, focalizando suas mais recentes pesquisas relacionadas ao projeto “Operação Houndstooth”, mostrando o papel que a educação dos superdotados poderia desempenhar no preparo das pessoas com alto potencial para uma liderança responsável e ética.

Juan José Mouriño Mosquera, Claus Dieter Stobäus e Soraia Napoleão Freitas discutem, no décimo capítulo, “Altas habilidades/superdotação no transcurso da vida: Da infância à adultez”, a complexidade das questões relacionadas à superdotação, valendo-se de três eixos principais: inteligência, personalidade e criatividade, considerados elementos essenciais para uma superdotação socialmente construtiva. O desenvolvimento da personalidade da criança com altas habilidades/superdotação é descrito em relação ao desenvolvimento da aprendizagem, ao processo de socialização e às influências culturais. No decorrer do desenvolvimento, a problemática do adolescente e do adulto com altas habilidades é abordada, focalizando pesquisas e estudos clássicos da psicologia do desenvolvimento.

No decurso da vida, as questões sociais e afetivas de uma pessoa com altas habilidades tornam-se fundamentais para a promoção de um desenvolvimento sadio e integrado. As características individuais e ambientais que promovem o desenvolvimento emocional são a tônica do décimo primeiro capítulo, “As características socioemocionais do indivíduo talentoso e a importância do desenvolvimento de habilidades sociais”, de Jane Farias Chagas-Ferreira. A autora revisa os principais dados de pesquisa da área, que apontam para a complexidade e a interação dos elementos biológicos e

ambientais, que constituem uma teia de fatores dinâmicos presentes nos vários sistemas ecológicos onde o indivíduo insere-se em sua trajetória de vida. A família e a escola são analisados como sistemas complexos no contexto de desenvolvimento e são dadas sugestões para promover o desenvolvimento do talento nesses ambientes. A autora discute ainda o impacto dos processos cognitivos superiores no desempenho social de indivíduos talentosos e sugere métodos para o ensino das habilidades sociais, com a finalidade de promover interações sociais mais saudáveis.

Um dos elementos mais ressaltados na literatura que aborda o desenvolvimento da pessoa superdotada e talentosa é a motivação, considerada pelos teóricos modernos do campo como o diferencial no surgimento das habilidades excepcionais. Afonso Galvão e Anna Carolina M.L. Ribeiro discutem essa e outras questões no décimo segundo capítulo, “O.k., a prática traz a perfeição, mas o que sustenta a prática? Aspectos motivacionais e emocionais da aprendizagem *expert* de uma perspectiva psicanalítica”. Os autores sustentam a tese de que o desenvolvimento da *expertise* no adulto, em interação com características de personalidade, como habilidades, personalidade e interesses, ocorre apenas quando ligado ao estudo deliberado. Galvão e Ribeiro discutem ainda questões voltadas ao desenvolvimento *expert* à luz de investigações da área, como a motivação no longo prazo, e explicam o alcance da *expertise* por algumas pessoas por meio da noção psicanalítica de desejo, entendendo o *expert* como aquele indivíduo que mescla prazer e ansiedade no desenrolar da aquisição do conhecimento de seu domínio específico.

No décimo terceiro capítulo, “Desafios na identificação de alunos intelectualmente dotados”, de Eliana Santos de Farias e Solange Muglia Wechsler, o tema principal é a importância da identificação e do desenvolvimento da dotação e do talento. As autoras argumentam que essa população é subidentificada no censo escolar, o que sugere que os professores não estão conseguindo identificar adequadamente o potencial dos estudantes. Farias e Wechsler mostram o panorama histórico da área no Brasil, focalizando as primeiras iniciativas na identificação do superdotado, assim como leis, resoluções e documentos que buscam assegurar direitos a essa população especial. Apontam também para alguns dos modelos conceituais sobre

a inteligência e, finalmente, concentram-se na avaliação dos talentos intelectuais. A discussão final recai sobre um estudo exploratório realizado com o objetivo de elaborar um instrumento brasileiro, preciso e fidedigno, para professores identificarem os alunos com potencial.

O décimo quarto capítulo, “Pensamento e criação na educação contemporânea: Aportes teóricos e sugestões práticas”, de Christina Cupertino, Denise Arantes e Mariangela Fabiane Melcher, aborda o papel da criação e do pensamento na educação e na vida contemporânea. A discussão de base filosófica e fenomenológica que se segue contextualiza a noção de criatividade como potencial inato, universal, um modo de ser que se realiza no cotidiano de cada um e reflete sobre ela. As autoras destacam alguns pontos de vista, afirmações e concepções sobre a criatividade, o produto criativo e o processo criador, contrastando posições tradicionais na literatura sobre o tema, como o pensamento funcional, com outra postura, não linear e fenomenológica, que é o pensamento sem finalidade ou utilidade imediata. A contribuição da psicanalista inglesa Marion Milner para o desenvolvimento da criatividade na educação é apresentada e embasa as oficinas de criatividade desenvolvidas pelas autoras para crianças com altas habilidades/superdotação.

A terceira e última parte deste livro trata das aplicações educacionais dos diversos modelos e teorias aqui apresentados para o desenvolvimento do potencial e do talento de crianças e jovens no ambiente escolar.

O décimo quinto capítulo, de Vera Lucia Palmeira Pereira, “Superdotação e currículo escolar: Potenciais superiores e seus desafios da perspectiva da educação inclusiva”, aponta para a necessidade de a escola oferecer um currículo escolar que respeite os interesses, as aptidões e os modos de aprender de todos os alunos, fundamentada em uma concepção de educação inclusiva. A autora discute brevemente a contribuição do potencial humano para o desenvolvimento de diversas sociedades através dos séculos, pontua as ideias principais de Joseph Renzulli para o reconhecimento e a identificação dos comportamentos de superdotação em crianças e jovens, mostra características dessa população e possíveis problemas que tais características trazem para o ambiente escolar e finaliza com considerações sobre o trabalho pedagógico a ser desenvolvido em uma escola inclusiva, chamando a atenção para objetivos

e estratégias metodológicas que alcancem as diferentes necessidades dos estudantes superdotados.

O tema “Superdotação e currículo” é retomado no décimo sexto capítulo, de Maria Clara Sodré S. Gama, que discute em profundidade programas, currículos e modelos de aprendizagem diferenciados e modificados para os superdotados. A autora tece considerações sobre conteúdo de currículos, formas de reorganização de conteúdos, processos curriculares, tipos ou níveis de atividades mentais propostas, planejamento do ambiente de aprendizagem, moralidade e outras questões pertinentes às necessidades educacionais da criança. Apresenta ainda um modelo diferenciado de currículo para alunos com altas habilidades/superdotação, a fim de contribuir para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, afetivas e éticas do cidadão na construção de um mundo melhor.

O décimo sétimo capítulo, “Plano de atendimento educacional especializado integrado ao plano individual de ensino com vistas à aceleração de estudos: Sugestão adaptada do modelo de Joseph Renzulli”, de Cristina Maria Carvalho Delou, aborda as altas habilidades/superdotação e sua nomenclatura de acordo com leis, resoluções, decretos e documentos da educação especial no Brasil, comentando algumas das iniciativas iniciais e as mais recentes na área. Delou focaliza os projetos político-pedagógicos das escolas, as normas que estabelecem o atendimento educacional especializado em salas multifuncionais e ainda o atendimento público-privado dos alunos com altas habilidades. Por fim, apresenta um plano de atendimento educacional especializado baseado no modelo de Renzulli, no qual mostra como proceder quando da decisão sobre a adaptação curricular para o enriquecimento ou a aceleração de estudos de alunos com altas habilidades/superdotação.

O décimo oitavo capítulo, “O fazer matemática na escola e o desenvolvimento da inteligência: A criatividade revelando capacidades cognitivas”, de Cristiano Muniz, discute a relação entre desenvolvimento da inteligência e a atividade matemática em suas bases filosóficas, pressupondo que a matemática é limitada à capacidade intelectual humana em um dado momento histórico e num dado contexto cultural. Muniz discute também a inteligência e a matematização na escola, o sucesso ou insucesso escolar e a postura tradicional da imposição de procedimentos formais na aula de

matemática, sem espaço pedagógico para a valorização de procedimentos espontâneos por parte dos alunos. O autor reflete sobre o fazer matemática no ambiente escolar, pontuando situações e oportunidades observadas por ele, como pesquisador, que dizem respeito à constituição de significado e sentido do fazer matemática em sala de aula e à vazão, por parte de alguns alunos, de processos mais criativos de pensar e solucionar problemas nessa área. Muniz apresenta ainda os sentidos da mediação pedagógica por meio de situações lúdicas ou de jogos e discute a noção de autorregulação nas produções matemáticas das crianças em contexto de jogo na escola e fora dela.

O assunto polêmico da aceleração é trazido por Susana G.P.B. Pérez no décimo nono e último capítulo, “Aceleração: Mais rápido não é sinônimo de melhor”. Inicialmente, define a aceleração e traça um panorama geral sobre a aceleração no mundo, tanto em países ocidentais quanto orientais, para depois focalizar a aceleração nos documentos legais brasileiros. Segue-se uma discussão dos motivos e objetivos que se buscam com a aceleração como modelo de atendimento e modelo de currículo. A autora faz reflexões sobre a razão pela qual a aceleração é defendida. Defende a posição de que a aceleração é aceitável apenas quando a instituição de ensino pode fazer uma cuidadosa avaliação dos alunos e proporcionar um serviço adequado de atendimento a eles e aos familiares envolvidos no processo, assim como um serviço de formação docente que garanta a adequada implementação desse procedimento.

Para finalizar esta introdução, queremos, como organizadoras desta obra, expressar a nossa consciência do risco intelectual que aceitamos correr quando decidimos abordar um assunto tão complexo como as altas habilidades e, ao mesmo tempo, expor abertamente as incertezas e contradições ao redor dele. Associar autores com formações e experiências tão diversas para discorrer sobre um mesmo tema, como foi feito neste livro, pode resultar em confusão, perda de foco e superficialização teórica. Por outro lado, compreender as altas habilidades e lidar com elas representam um desafio que exige a comunicação e o esforço conjunto das diversas áreas do saber. Após longa ponderação, concluímos que, se optássemos por uma obra que mantivesse um discurso mais uniforme, ela representaria apenas uma perspectiva sobre o assunto e, portanto, não contribuiria para uma discussão mais séria, inovadora e

ampla. Manter a separação entre neurobiologia, pedagogia, psicologia do desenvolvimento, neuropsicologia, medicina e outras disciplinas ofereceria um texto mais coeso e provavelmente de mais fácil compreensão. No entanto, estaríamos assim repetindo outras obras dessas áreas. Ao contrário, decidimos oferecer ao leitor uma “colcha de retalhos”, uma “colagem” de perspectivas que, por um lado, torna o texto menos uniforme e, por outro, torna-o mais multifacetado e mais completo. Acreditamos oferecer ao leitor melhores condições para que ele mesmo possa avaliar os diversos conteúdos e fazer suas próprias ponderações.

Nosso mais profundo desejo é contribuir, ainda que modestamente, para um futuro de abordagens pedagógicas coerentes e sem modismos e de pesquisas inovadoras sem repetições de velhas receitas e de velhos livros, para que as pessoas e, em especial, as crianças de nosso país tenham todas finalmente a oportunidade de desenvolver plenamente as suas potencialidades.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, E.M.L.S. e FLEITH, D.S. (2001). *Superdotados: Determinantes, educação e ajustamento*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: EPU.
- ASPESI, C.C. (2003). “Processos familiares relacionados ao desenvolvimento de comportamentos de superdotação em crianças de idade pré-escolar”. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília.
- CHAGAS, J.F. (2003). “Características familiares relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos de superdotação em alunos de nível sócio-econômico desfavorecido”. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília.
- FLEITH, D.S. e VIRGOLIM, A.M.R. (1999). “Brazilian school: Psychologists’ training course in gifted education”. *Gifted Education International*, v. 13, n. 3, pp. 258-264.
- GALLAGHER, J.J. (1994). *Teaching the gifted child*. Needham Heights: Allyn and Bacon.
- GARDNER, H. (1983). *Frames of mind: The theory of multiple intelligences*. Nova York: Basic Books.

- GÜNTHER, Z.C. (2000). *Desenvolver capacidades e talentos: Um conceito de inclusão*. Petrópolis: Vozes.
- KERR, B. (2009). "Introduction". In: KERR, B. (org.). *Encyclopedia of giftedness, creativity, and talent*, v. 1. Washington: Sage, pp. xxvii-xxx.
- MAIA-PINTO, R.R. (2002). "Avaliação das práticas educacionais implementadas em um programa de atendimento a alunos superdotados e talentosos". Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília.
- NOVAES, M.H. (1979). *O desenvolvimento psicológico do superdotado*. São Paulo: Atlas.
- OUROFINO, V.T.A.T. (2005). "Características cognitivas e afetivas entre alunos superdotados, hiperativos e superdotados/hiperativos: Um estudo comparativo". Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília.
- RENZULLI, J.S. (1978). "What makes giftedness? Reexamining a definition". *Phi Delta Kappan*, n. 60, pp. 180-184 e 261.
- SABATELLA, M.L.P. (2005). *Talento e superdotação: Problema ou solução?* Curitiba: IBPex.
- STERNBERG, R.J. (1986). "A triarchic theory of intellectual giftedness". In: STERNBERG, R.J. e DAVIDSON, J.E. (orgs.). *Conceptions of giftedness*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 223-243.
- TANNENBAUM, A.J. (2000). "A history of giftedness in school and society". In: HELLER, K.A. et al. (orgs.). *International handbook of giftedness and talent*. 2ª ed. Oxford: Elsevier Science, pp. 23-53.
- VIRGOLIM, A.M.R. (1997). "O indivíduo superdotado: História, concepção e identificação". *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 13, n. 1, pp. 173-183.
- _____ (1998). "Uma proposta para o desenvolvimento da criatividade na escola, segundo o modelo de Joseph Renzulli". *Cadernos de Psicologia*, v. 4, n. 1, out., pp. 97-111.
- _____ (2005). "Creativity and intelligence: A study of Brazilian gifted and talented students". Tese de doutorado. Mansfield: University of Connecticut.